



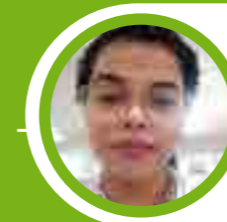
A Representação da Figura Feminina na Novela *El Celoso Extremeño* de Miguel de Cervantes

Este texto tem por objetivo analisar a representação da figura feminina por meio da personagem Leonora na novela **El celoso extremeño**, de Miguel de Cervantes (1613), para isso analisaremos também o modo como a personagem é apresentada e age considerando o seu contexto social. Utilizaremos fragmentos do texto, a partir dos quais destacaremos as características da personagem escolhida em relação às suas atitudes em seu relacionamento com os demais personagens: seus pais, Carri-zales, Loayosa e suas criadas.

A novela de Cervantes conduz o leitor a refletir sobre a ocupação social da mulher nas relações de gênero. A narrativa apresenta um discurso coerente com as experiências embasadas na doutrina católica e na tradição patriarcal, apresentando um olhar crítico sobre a situação da mulher no enfrentamento social com o discurso preponderante.

Sob essas conjecturas, este texto debate a representação do universo feminino em **El celoso extremeño** contemplando o pensamento patriarcal predominante. Entretanto, faz-se necessário apontar que, a representação feminina inserida no texto cervantino está de acordo com as ideias e práticas do século XVII, e apesar disso, se apresenta de modo muito coerente com as dificuldades enfrentadas na atualidade. Diante desse apontamento, vale reforçar que a mulher e a implicação de sua atuação na vida doméstica ou nos espaços públicos constitui assunto recorrente no plano ficcional cervantino.

A caracterização de Leonora é baseada em seu relacionamento com os outros personagens. A partir disso, sua personalidade vai sendo construída juntamente com a narrativa e por meio da sua interação com os demais.



Paloma Cardoso de Oliveira

Nascida em 24 de abril de 1998, na cidade de Cacoal, Rondônia. Mora em Tangará da Serra-MT desde os seus nove anos de idade. Se formou em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Espanhol, pela UNEMAT, Campus de Tangará da Serra, em 2021. Atualmente, atua como professora na rede municipal e é mestranda pelo PPGEL, UNEMAT.

paloma.cardoso@unemat.br

Y, estando resuelto en esto, y no lo estando en lo que había de hacer de su vida, quiso su suerte que, pasando un día por una calle, alzase los ojos y viese a una ventana puesta una doncella, al parecer de edad de trece a catorce años, de tan agradable rostro y tan hermosa que, sin ser poderoso para defenderse, el buen viejo Carrizales rindió la flaqueza de sus muchos años a los pocos de Leonora, que así era el nombre de la hermosa doncella. (CERVANTES, s.d., p.04)

No fragmento, a beleza de Leonora é realçada por meio do uso do intensificador “tan” que indica que sua beleza não é normal, e sim superior à das demais mulheres, comprovado pelo fato de Carrizales se render imediatamente aos encantos da moça. Além de sua beleza, neste fragmento há também o destaque para outra característica, a juventude/infância da jovem. Em outras partes do texto, há momentos que descrevem a garota com atitudes infantis e não como uma mulher casada; suas atitudes não correspondiam à sua posição social, mas sim às de uma garota, que realmente era, que ainda queria viver e aproveitar sua infância.

Embora privada de sua liberdade, Leonora criava recursos e subterfúgios para continuar sendo ela mesma, ou seja, uma criança, aproveitava o tempo brincando com suas criadas, ao tentar tirar proveito de sua infância. “[...] Leonora andaba a lo igual con sus criadas, y se entretenía en lo mismo que ellas, y aun dio con su simplicidad en hacer muñecas y en otras niñerías, que mostraban la llaneza de su condición y la ternera de sus años [...]” (CERVANTES, s.d., p. 6).

Nessa perspectiva, podemos dizer, através da construção narrativa do texto, que Leonora não possuía atitudes compatíveis com o lugar que ocupava; segundo a narrativa, apresenta atitudes desviantes de seu papel social de mulher casada. Isso se deve, principalmente, pelo fato de ser muito nova para tal posição.

Como já mencionado na introdução e com base em suas características subjetivas vistas no texto, verificamos que Leonora é apresentada como uma personagem submissa; sua submissão manifesta-se tanto em relação aos pais quanto ao marido Carrizales. Observa-se a ausência da expressão da vontade de Leonora na narrativa, a falta de sua opinião sobre o casamento e sobre o seu próprio futuro, diante de todas essas questões a voz da jovem não aparece na narrativa.

Além de sua beleza, neste fragmento há também o destaque para outra característica, a juventude/infância da jovem.

La tierna Leonora, aún no sabía lo que la había acontecido; y así, llorando con sus padres, les pidió su bendición, y despidiéndose dellos, rodeada de sus esclavas y criadas, asida de la mano de su marido, se vino a su casa; y, en entrando en ella, les hizo Carrizales un sermón a todas, encargándoles la guarda de Leonora; y que por ninguna vía, ni en ningún modo dejasen entrar a nadie de la segunda puerta adentro, aunque fuese al negro eunuco. (CERVANTES, s.d., p. 5)

Toda a descrição da jovem é feita de maneira que a coloca como submissa e ingênua (chorando sem entender bem o que havia acontecido), que não questiona ninguém e aceita tudo o que a impõem. Fato que segundo Beauvoir (1970, p. 15) faz com que “[...] a mulher não se reivin-

dica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. [...]”. Em contraposição, a figura masculina (Carrizales) coloca-se como superior “[...] A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. [...]” (BEAUVOIR, p. 9, 1970).

Diante de sua ingenuidade e submissão internalizada a jovem comporta-se completamente neutra e passiva diante do tratamento de seu marido e seu relacionamento com ele. “[...] Su demasiada guarda le parecía advertido recato: pensaba y creía que lo que ella pasaba pasaban todas las recién casadas. [...]” (CERVANTES, s.d., p. 6). A jovem acha que todos os casamentos são iguais aos seus, o que pode revelar a ideia de casamento no contexto da sociedade em que Leonora vivia, que todos os casamentos são iguais ao dela e por isso, ela deve permanecer submissa ao marido, pois é desse modo que o casamento funcionava, e assim ela aceita as ordens e o ciúme do marido, que a mantinha na prisão particular dentro de sua casa. Dessa forma, pode-se concluir que ela pensa assim, porque nunca viu outra realidade. Portanto, a obra tende a indicar que quem não conhece muito da realidade pensa que o mundo se resume à sua própria experiência.

A decisão de Leonora de ir embora para o convento após a morte de Carrizales também demonstra que, além daquela realidade que vivia, a vida encarcerada dentro de casa e presa a uma relação abusiva e de submissão, essa é a única possibilidade para ela, por ser também a única conhecida. “Para uma ordem assentada no religioso, a situação de pecado representava uma ameaça bem mais extensa; uma ameaça que sublinhava cada

ação no cotidiano” (LIMA, 2007, p. 253). Por esse motivo, ela não vai ao encontro do jovem por quem estava interessada, mesmo estando livre. Por conseguinte, as ações de Leonora e sua última decisão de ir ao convento são atitudes adotadas com base em seus preceitos formados a partir de suas relações sociais resumidas à convivência com seus pais e depois com Carrizales.

Outro apontamento importante de se fazer é em relação as divisões da mansão feita por Carrizales, na qual Leonora ocupava apenas certos espaços, sua circulação limitava-se à cozinha e ao quarto. Tal detalhe salienta e imita convenções da própria sociedade na qual ela está inserida, onde há espaços e atitudes pré-definidas para cada sexo.

De acordo com Bourdieu (2002), a divisão entre os sexos, que contribui para a solidificação da ideia de superioridade masculina, é tida como algo normal, natural, indissociável dos meios sociais. Em casa há espaços/ou cômodos considerados femininos e outros masculinos. Por exemplo, a cozinha é geralmente associada à mulher e a garagem ao homem, ao masculino. Assim como as divisões sociais, cabe ao homem sair para o mundo e trazer o sustento para casa e à mulher realizar as tarefas domésticas. Como grande exemplo podemos citar a **Odisseia**, que narra o demorado regresso de Ulisses para a sua casa depois de lutar na Guerra de Tróia, na qual ele vive diversas aventuras, até voltar para Ítaca, enquanto a sua esposa, Penélope, lhe espera em casa, guardando o lar e realizando os afazeres domésticos que são atribuídos à mulher.

Gagnebin (1997) ao trazer a analogia que Platão fez em **O Banquete** sobre as figuras das “flautistas, parteiras e guerreiras” afirma que

Desta maneira se esboça, atrás da figu-

ra da flautista, uma das grandes divisões do discurso filosófico: a razão e o sério ficando do lado dos homens e entre eles, na praça pública ou na sala de estar, a poesia e as besteiras charmosas do lado das mulheres, no interior da casa. Velha cisão da qual sofremos ainda hoje, mulheres condenadas à tagarelice ou então ao mutismo (e à histeria), homens condenados ao falar-certo e ao falar-de-mais. (GAGNEBIN, 1997, p. 41)

Desse modo, ao homem é atribuída a característica transgressora de se desafiar, de sair e viver aventuras; não há nada que o prenda ou reprima suas ações, como afirma o filósofo/sociólogo francês, “[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção. [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 10). Entretanto, constata-se que, embora controversa e passiva, a atitude de Leonora era a única possível para a realidade da sociedade em que a jovem menina estava inserida.

Desse modo, concluímos que a representação ordinária no texto e as figuras femininas nas relações de gênero se tornam um percurso simbólico que leva ao cenário ficcional. Assim, uma leitura breve dessa novela cervantina pode revelar o estereótipo de mulher consonante com o modelo vigente de uma mulher fraca, delicada, sensível, ingênua e condescendente às suas funções de esposa e mãe.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Edwrigens A. Ribeiro Lopes de. **A representação de gêneros nos tempos de Cervantes: La española inglesa**. Gláuks: Revista de Letras e Artes- jul-dez, 2021- ISSN: 2318-7131- vol. 21, nº 2, p-79-95. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/250>. Acesso em: 08 de nov. de 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Difusão Europeia do Livro. São Paulo: 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CERVANTES, Miguel de. **El celoso extremeño**. s.d. Dispo-

nível em: www.rinconcastellano.com. Acesso em: 10 de dez. de 2018.

DEFOURNEAUX, Marcelin. **A vida quotidiana em Espanha no século de ouro**. (Trad. de André Carga) Lisboa: Livros do Brasil, 1983.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **As flautistas, as Parteiras e as Guerreiras**. In: Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.39-49.

LIMA, Luiz Costa. **A problemática dos livros de ficção entre os espanhóis do século XVI**. In: LIMA, Luiz Costa. Trilogia do controle. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.